

Cruzamento multicultural na obra "O sétimo juramento de Paulina Chiziane"

Emília Carlos José Ucano*

<https://orcid.org/0009-0006-6854-0304>

Nhauza Boazinha Brás de Sá Jorge **

<https://orcid.org/0009-0006-9840-9032>

RESUMO

O presente artigo com o tema Cruzamento Multicultural na obra "O Sétimo Juramento de Paulina Chiziane" tem como principal objetivo, fazer uma reflexão acerca do hibridismo cultural em Moçambique na obra de Chiziane, num paradigma pós-colonial em que as crenças tradicionais, ditas como pagãs e os ocidentais cristãos dialogam constantemente e podem desmistificar a hierarquia de valores instituídas pelo processo de modernização. Pretende-se com a presente investigação mostrar como a romancista moçambicana Paulina Chiziane apresenta em sua obra o cruzamento multicultural e a encenação quotidiana do feminino. Com este edifício sociocultural como pano do fundo, o romance focaliza o ritual de iniciação de uma personagem masculina, David que para ascender ao cargo político, consolidado ao poder económico, recorre à feitiçaria, ao poder de um Nynanga, que lhe exige em troca o que tem de mais precioso: a família. É aqui que a mulher tem um papel fundamental: de um simples objeto de prazer e de troca, elas se unem e se tornam sujeitos do processo, revertendo a situação. De acordo com a ideologia de diversos autores a mulher, desde as sociedades mais antigas, sempre foram marginalizadas e até mesmo tratadas como aberração ou como um ser incompleto. É um estudo resultante de consultas bibliográficas de temas relacionados e tem um carácter qualitativo, descritivo e analítico. Espera-se que o trabalho suscite maior atenção por parte da sociedade em geral por forma a valorizar a cultura moçambicana e dar a conhecer a importância da mulher.

PALAVRAS-CHAVE

Cruzamento; Multicultural; Sétimo; Juramento



Multicultural Crossing in the work "The Seventh Oath of Paulina Chiziane"

ABSTRACT

The present article with the theme Multicultural Crossing in the work "O Sétimo Juramento de Paulina Chiziane" has as main objective, to reflect on the cultural hybridism in Mozambique in the work of Chiziane, in a post-colonial paradigm in which traditional beliefs, said as pagan and Western Christians dialogue constantly and can demystify the hierarchy of values instituted by the modernization process. The present investigation intends to show how the Mozambican novelist Paulina Chiziane presents in her work the multicultural intersection and the daily staging of the feminine. With this sociocultural building as a backdrop, the novel focuses on the initiation ritual of a male character, David, who in order to ascend to political office, consolidated in economic power, resorts to sorcery, to the power of a Nynanga, who demands in return the most precious thing: the family. This is where women play a fundamental role: from being a simple object of pleasure and exchange, they come together and become subjects of the process, reversing the situation. According to the ideology of several authors, women, since the oldest societies, have always been marginalized and even treated as an aberration or as an incomplete being. It is a study resulting from bibliographic consultations on related topics and has a qualitative, descriptive and analytical

* Doutoranda em Ciência Política e Relações Internacionais pela Universidade Católica de Moçambique, Faculdade de Ciências Sociais e Políticas. Mestre em Administração Pública pela Universidade Católica de Moçambique, Faculdade de Ciências Sociais e Políticas. Licenciada e Ensino de Português pela Universidade Pedagógica de Quelimane. Assistente Universitária na Universidade Católica de Moçambique. E-mail: eucano@ucm.ac.mz

** Doutoranda em Direito Público pela Universidade Católica de Moçambique, Faculdade de Direito. Mestre em Direito Empresarial pela Universidade Católica de Moçambique, Faculdade de Ciências Sociais e Políticas. Licenciada em Direito pela Universidade Católica de Moçambique, Faculdade de Ciências Sociais e Políticas. Assistente Universitária na Universidade Católica de Moçambique. E-mail: njorge@ucm.ac.mz

character. It is hoped that the work will attract greater attention from society in general in order to value Mozambican culture and make known the importance of women.

KEYWORD

Crossing; Multicultural; Seventh; Oath

Multicultural Crossing mubasa "Mhiko yechinomwe yaPaulina Chiziane"

PFUPISO

Chinangwa chikuru chechinyorwa chino, chine dingindira reMulticultural Crossing mubasa rekuti "O Sétimo Juramento de Paulina Chiziane", nderekurangarira kusanganiswa kwetsika nemagariro kuMozambique mubasa raChiziane, mugwara repashure pehukoloni umo zvitendero zvechivanhu zvichinzi ndizvo. vakadzi vechihedheni uye vekuMadokero vechiKristu vanogara vachikurukurirana uye vanogona kukanganisa hutongi hwehutsika hwakasimbiswa nemaitiro emazuva ano. Chinangwa cheongororo iyi ndechekuratidza kuti munyori wenganonyorwa wekuMozambique, Paulina Chiziane, anoburitsa sei mubasa rake kuyambuka kwetsika dzakasiyana-siyana uye magadzirirwo emazuva ese evanhukadzi. Ichi ichi chivakwa chemagariro senge kumashure, chinyorwa chinotarisa pane yekutanga tsika yemunhu wechirume, David, uyo, kuti akwire pachigaro chezvematongerwo enyika, akabatanidza masimba ehupfumi, anoenda kuhuroyi, kune simba reNynanga, uyo anoda dzorera chinhu chinonyanya kukosha: mhuri. Apa ndipo apo vakadzi vanoita basa rinokosha: kubva pakuva chinhu chiri nyore chekunakidzwa nekutsinhanisa, vanouya pamwe chete uye vanova vateereri vekuita, kudzosera mamiriro acho ezvinhu. Zvinoenderana nemafungiro evanyori vakati wandei, vakadzi, kubva kunzanga dzekare, vagara vachishorwa uye kunyange kubatwa seanorasika kana seasina kukwana. Icho chidzidzo chinobva mukubvunzana kwebhaibheri pamusoro pemisoro ine hukama uye ine hunhu, inotsanangura uye yekuongorora. Zvinotarisirwa kuti basa iri richakwezva kutarisisa kukuru kubva munzanga yose kuitira kukosha tsika dzeMozambican uye kusimudzira ruživo rwekukosha kwevakadzi.

MASHOKO- CHIKURU

Kuyambuka; Multicultural; Seventh; Oath.

Introdução

O presente artigo com o tema *O Cruzamento Multicultural na obra "O Sétimo Juramento de Paulina Chiziane"*, tem como principal objetivo fazer uma reflexão acerca do hibridismo cultural em Moçambique na obra de Chiziane, num paradigma pós-colonial em que as crenças tradicionais, ditas como pagãs e os ocidentais cristãs dialogam constantemente e podem desmistificar a hierarquia de valores instituídas pelo processo de modernização. É uma pesquisa qualitativa desenvolvida a partir de livros, trabalhos desenvolvidos entre outros.

De acordo com Bastide (1971), um apologista em estudar cultura diz que nenhuma cultura é pura, pois o contato de indivíduos de culturas diferentes leva ao reconhecimento da «aculturação» (que resulta do contato direto entre grupos de indivíduos de culturas diferentes e da alteração da cultura inicial de um grupo ou até de dois). A identidade social (idade, género, classe social, etc.) é o que caracteriza um indivíduo perante a sociedade e, ao mesmo tempo, leva à sua inclusão ou exclusão perante os outros.

A sociedade moçambicana é multilíngue, pluri-étnica, multi-racial e socialmente estratificada marcada pela diversidade cultural que, por coincidência, acompanha também a sua diversidade biológica (Takahashi, 2006). Existem em Moçambique várias formas de organização social, cultural, política e religiosa; há várias crenças, línguas, costumes e tradições. A principal característica do património cultural moçambicano é a sua diversidade. As manifestações e expressões culturais são ricas e plurais, sobretudo as ligadas às camadas “populares”.

Considerando o acima exposto, importa salientar que o país no pós-independência é constituído por uma panóplia de identidades, um mosaico cultural complexo e um xadrez linguístico bastante amplo de maneira que o novo governo adoptou a Língua Portuguesa como oficial, e conseqüentemente língua de comunicação institucional, cumprindo o papel ideológico de garante da unidade nacional, relegando-se as línguas nacionais ao mero valor simbólico, como património cultural.

Contudo, o multiculturalismo conhecido como um fenómeno que estabelece a coexistência de várias culturas em um mesmo espaço territorial e nacional é uma característica relevante para este estudo visto que vivemos num mundo globalizado altamente diversificado culturalmente, facto este que se apresenta como um desafios para a sociedade atual, pois as grandes transformações ocorridas estão sujeitando os cidadãos para uma nova forma de vida por se encontrarem subordinados a uma macroestrutura do mercado que os impõe determinados produtos e concepções impostas pela cultura hegemônica, uma situação que determina as várias transformações e revelações da humanidade em alguns casos com mais intensidade que outro.

Para que se compreenda a real complexidade deste problema é necessário, uma reflexão em torno do problema e a revisão sobretudo dos momentos históricos, visto que não é possível tratar os factos de forma isolada em contextos fechados, pelo contrário é importante considerar toda a complexidade que se criou como resultado de uma construção histórica-cultural do homem no contexto da sua existência como ser no mundo.

É notável na sociedade Moçambicana as transformações significativas na sua população, a heterogeneidade cultural, em termos étnicos, linguísticos e mesmo religiosos, motivo pelo qual a autora optou por escolher este tema para desenvolver artigo científico com a seguinte problematização: “Como se manifesta a identidade cultural moçambicana na obra "O Sétimo Juramento"?”

O móbil da investigação deve-se ao facto da romancista moçambicana Paulina Chiziane apresentar em sua obra "O Sétimo juramento" características próprias de linguagem tipicamente Moçambicana: sob esta perspectiva examinaremos tanto os enunciados como o processo de enunciação do romãnce com intuito de trazer ao protagonismo vozes marginais bem como elementos da cultura tradicional, os refugiados e sobreviventes de guerra, a encenação quotidiana do feminino apresentados em reconfiguração. O encontro do mundo e culturas diferentes são acontecimentos do quotidiano que toca a vida de todos até aos níveis banais ou em contextos inusitados. O trabalho não só criará avanço de ordem pessoal, como também o avanço de ordem profissional, social e outros, uma vez que nos deparamos com as diversidades culturais em todos os lugares.

1.Fundamentação teórica: Contextualização

Não se pode falar da construção da nação em Moçambique sem falar da colonização, visto que foi um processo demarcado pelo colonialismo português em todas as formas em que surge: seja como funcionário branco, cipaio mestiço, régulo negro ou soldado africano no serviço do estado colonial. Contudo, a forma como foi conduzido o processo de colonização pela potência colonial teve como principal consequência que só no início do século XX esta língua se torna um efetivo meio de comunicação para algumas camadas da população moçambicana.

No período pós-colonial o hibridismo linguístico é uma das mais significativas características da textualidade africana. A língua do colonizador, da qual os escritores se apoiam, é permeada de falas peculiares e próprias das diversas nacionalidades africanas de colonização portuguesa. Estabelece-se uma maneira particular de dialogar com as tradições incorporadas ao texto sob forma de intertextualidade e também pela recriação sintática lexical. O resultado desse processo é a recuperação de géneros orais e a reformulação da própria tradição.

As literaturas africanas de expressão portuguesa criam um novo campo literário, fazendo coexistir na maleabilidade da língua, a escrita com a oralidade, numa harmonia híbrida, mais ou menos imparável, que os textos literários nos deixam fruir (Leite, 2003).

No período pós-independência das nações africanas de língua portuguesa, é muito comum a busca pela ocupação de lugares, vozes e consciências do período colonial e mesmo pré-colonial, entretanto vivos na atualidade, porque são elementos constitutivos das identidades nacionais e, numa dimensão mais ampla da própria africanidade.

Moçambique, é a semelhança da maioria dos países africanos que foram produtos do europeu. As suas fronteiras foram traçadas à mesa de negociações nas chancelarias da Europa ou em batalhas entre europeus. A questão de identidade nacional assume aqui um papel relevante, dado que muitos países têm problemas graves de coesão nacional por conta da diversidade do seu povo, cultura, religiões e línguas nacionais. Moçambique é um exemplo paradigmático desta situação.

2. Conceitualizações: Cultura, Diversidade (conceitos e origens)

Há quase 150 anos um dos maiores pensadores sociais Nietzsche (1872), se referiu às diferenças culturais distinguindo, na altura, dois tipos de culturas que designou como «Apolínea e «Dionisíaca». A cultura «Apolínea» era o tipo de cultura, individualista, racional, técnica, cognitiva, utilitária e hierárquica, e a «Dionisíaca», um tipo de cultura mais colectivista, emocional, sexual, mística e revolucionária. Desde então, muitas outras abordagens surgiram em espaços e tempos diferentes.

De acordo com Mayr (2001), o fenómeno «cultura» possui, pelo menos, duas características-chave, a saber:

1. É um código que funciona como um software mental, composto por informação que os indivíduos adquirem pela aprendizagem, imitação, associação e outras formas de aprendizagem social, sendo que essa informação se constitui como um «sistema de pensamento e acção»;
2. Faz parte da biologia humana, porque o indivíduo é, ele próprio, um «programa evolutivo» que nasce com uma determinada «abertura» no seu programa a qual o equipa para adquirir cultura e sem a qual não se desenvolve; (Mayr, 2001).

O autor afirma que tudo o que aprendemos, pensamos, lembramos e sentimos é moldado pela arquitetura «modular» da nossa mente e pelos mecanismos psicológicos evolutivos (MPE) que a suportam e funcionam de forma inconsciente. Eles são a base de todas as construções.

A definição de Tylor (1975), incide na ideia fundamental que a cultura não é adquirida através da herança biológica, porém é adquirida pela aprendizagem (consciente e inconsciente) numa sociedade concreta com uma tradição cultural específica. O processo através do qual as crianças aprendem a sua cultura é denominado inculturação. A inculturação é um processo de interiorização dos costumes do grupo, até o ponto de fazer estes como próprios. Este processo é fundamental para a sobrevivência dos grupos humanos, assim por exemplo os esquimós têm de aprender a proteger-se do frio.

O processo de inculturação produz-se fisicamente (gestos, formas de estar, de comer...), afectiva e sentimentalmente (por causa da acção de reforço ou repressão da nossa cultura) e também intelectualmente (esquemas mentais de percepção do mundo). Os agentes de inculturação são a família, as amizades, a escola, os media, os grupos de associação, etc., eles têm como missão introduzir o indivíduo na sua sociedade através da aprendizagem da cultura.

De acordo com o autor, a cultura é aquela toda complexa que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, lei, costumes e toda a série de capacidades e hábitos que o Homem adquire em tanto que membro de uma sociedade dada. Surpreendentemente, a cultura está ligada a uma enorme parte de nossa convivência social. Coisas como nossa linguagem, nossa maneira de agir em uma situação, o que comemos, como nos vestimos e até mesmo como nos vemos, estão diretamente ligadas à nossa formação cultural.

Para a Sociologia, a cultura é o conjunto de características que o indivíduo herda ou aprende em seu convívio social, com sua família e os demais indivíduos que fazem parte do seu dia a dia. Essas características servem para que possamos nos comunicar, de forma a compreender e sermos compreendidos por outros que fazem parte de nossa sociedade, e definem grande parte de nossos valores e normas, determinando o que é e o que não é desejável, em termos de comportamento, em nosso meio social. Nossa identidade cultural está diretamente ligada com o que somos e como vemos o mundo. Ela começa a ser moldada no momento em que nascemos e é construída até o momento em que morremos.

Os valores e as normas que estão ligados a uma cultura dentro de uma sociedade ou comunidade comum podem variar e até mesmo serem contraditórios: alguns grupos de indivíduos podem basear suas experiências de vida em sua religiosidade, enquanto outros se baseiam em uma visão puramente científica do mundo. É importante entender que nossa cultura não é algo fixo ou imutável, ela está sempre se moldando de acordo com nossas experiências em sociedade.

Autores como o polonês Bauman, julgam que nossa cultura é tão maleável que chega a ser comparada a liquidez da água, que está sempre mudando de forma. A ideia de "liquidez social" de Bauman é formada a partir de observações de vários processos sociais. Entre eles está a chamada "aculturação", que se dá em meio ao "choque cultural", onde duas ou várias sociedades de culturas diferentes passam a ter contato e a conviver com suas diferenças.

Aculturação A aculturação é o nome do processo de troca entre culturas diferentes a partir de sua convivência, de forma que a cultura de um sofre ou exerce influência sobre a construção cultural do outro (Bauman, 2013). O processo de aculturação nos mostra que, em um mundo interligado como o nosso, a ideia de pureza cultural é completamente falsa. Sofremos influências e influenciemos mesmo sem perceber. Por tanto, a noção de que existem culturas superiores ou inferiores é considerada um engano. Falamos apenas em culturas diferentes.

3. De que forma a cultura europeia influenciou na construção da cultura moçambicana?

Moçambique é a semelhança da maioria dos países africanos são produtos de europeus. As suas fronteiras foram traçadas à mesa das negociações na chancelarias da Europa, ou em batalhas entre europeu. A questão da identidade nacional assume aqui um papel de relevante importância, dado que muitos países têm graves problemas de coesão nacional, dada a diversidade dos seus povos, culturas, religiões e línguas nacionais.

É suposto que um moçambicano comungue na cultura do País, embora não ter nascido no mesmo. Esta é uma condição que nem sempre se verifica atualmente, não apenas em Moçambique, mas, sobretudo nos países mais desenvolvidos. Um número crescente de imigrantes, adquirem a nacionalidade, por exemplo: portuguesa, mas não se identificam com a sua cultura. Esta naturalização é feita tendo em vista a regularização da sua situação legal no País, o que lhes permite terem acesso as mesmas condições e apoios que são oferecidos a qualquer cidadão. A cultura do povo, forma-se através de um longo processo histórico no qual vão sendo integradas outras culturas, vivências, saberes, etc., de outros povos com o qual se possui uma história em comum.

4. Diversidade cultural

Taylor (1975), afirma que a diversidade cultural, são os vários aspectos que representam particularmente as diferentes culturas, como a linguagem, as tradições, a culinária, a religião, os costumes, o modelo de organização familiar, a política, entre outras características próprias de um grupo de seres humanos que habitam num determinado território. A diversidade cultural é um conceito criado para compreender os processos de diferenciação entre as várias culturas que existem ao redor do mundo. As múltiplas culturas formam a chamada identidade cultural dos indivíduos ou de uma

Emília Carlos J. Ucano, Nhauza B. Brás de Sá Jorge, Cruzamento Multicultural na obra "O Sétimo sociedade; uma "marca" que personaliza e diferencia os membros de determinado lugar do restante da população mundial. (Taylor, 1975).

A diversidade significa pluralidade, variedade e diferenciação. Atualmente, devido ao processo de colonização e miscigenação cultural entre a maioria das nações do planeta, quase todos os países possuem a sua diversidade cultural, ou seja, um "pedacinho" das tradições e costumes de várias culturas diferentes.

A diversidade, conforme Takahashi, é a característica básica de formas de vida e das manifestações de cultura na terra. Ela pode ser biológica ou cultural. De acordo com o autor citado, há três tipos de diversidade cultural: genética, linguística e cultural propriamente dita: A diversidade cultural genética refere-se, "às variações e similaridades genéticas entre as pessoas"; A diversidade cultural linguística aponta para a existência de "diferentes linguagens e sua distribuição em regiões"; A diversidade de culturas é o "complexo de indivíduos e comportamentos dentro de um contexto histórico comum" (Takahashi, 2006).

Sacristán, afirma que a questão da diversidade cultural deve ser discutida em simultâneo com a noção das "diferenças". As diferenças culturais podem variar consoante a etnia, a raça, a idade, a religião, o gênero, à região geográfica, visões de mundo, desejos, valores, etc. A diversidade, assim como a desigualdade, são manifestações normais dos seres humanos, dos factos sociais, das culturas e das respostas dos indivíduos frente à educação nas salas de aula. A diversidade poderá aparecer mais ou menos acentuada, mas é tão normal quanto a própria vida, e devemos acostumar-nos a viver com ela e a trabalhar a partir dela. (Sacristán, 2002).

A diversidade cultural permite o reconhecimento de uma essência cultural, de uma homogeneidade entre os sujeitos que pertencem àquela cultura. Ela traz a possibilidade de noções liberais de multiculturalismo e de intercâmbio cultural de forma crítica, ao mesmo tempo que permite a conceitualização de separações lineares e totais entre culturas. Ela apresenta também um certo limite do que é considerado aceitável dentro dos termos estabelecidos pelo discurso ocidental, normas silenciosas do que é considerado diversidade cultural admirável, e do que é diferente demais e deve ser rejeitado.

Uma evidência de como a diversidade não necessariamente é positiva, para Bhabha, é o facto de que mesmo sociedades extremamente diversas ainda enfrentam problemas sérios de racismo, porque mesmo essas sociedades impõem normas e limites para o que é considerado aceitável, e quais são os espaços limitados aos quais povos não-brancos pertencem. (Bhabha, 2007).

No discurso ocidental, toda diferença cultural inaceitável é apagada, ou substituída por algo mais tolerável, em um movimento que ao mesmo tempo demonstra o poder discursivo que os grupos dominantes têm de definir o que é certo e errado, e também demonstra o medo que a diferença gera, sempre existindo nas margens, ameaçando a supostamente sólida identidade daqueles que detêm o poder.

A principal característica do patrimônio cultural moçambicano é a sua diversidade cultural que, por coincidência, acompanha também a sua diversidade biológica como refere Takahashi (2006), por ser uma sociedade multilíngue, pluri-étnica, multi-racial e socialmente estratificada. Existem em Moçambique várias formas de organização social, cultural, política e religiosa; há várias crenças, línguas, costumes, tradições e várias formas de educação. As manifestações e expressões culturais são ricas e plurais, sobretudo as ligadas às camadas "populares".

A língua oficial em Moçambique é a língua portuguesa, mas ela é uma língua minoritária que foi escolhida para oficial por razões políticas relacionadas com a unidade nacional e com o facto de não haver à altura da Independência nenhuma língua que estivesse suficientemente "modernizada" para ser capaz de veicular a Ciência, a Tecnologia e ser capaz de servir de língua franca em todo o território nacional.

O Português é falado, como língua materna, por 6% da população, enquanto as línguas bantu são faladas por 93%. Da população que reside das zonas urbanas, 55% conhece o Português, contra 45% nas zonas rurais. Dos falantes do Português, 61% são homens (a maior parte). As línguas bantu são as que são faladas com mais frequência [90%] relativamente ao Português.

5. Identidade Cultural e a sua Importância

A identidade é o que nos diferencia dos outros, o que nos caracteriza como pessoa ou como grupo social. Ela é definida pelo conjunto de papéis que desempenhamos e é determinada pelas condições sociais decorrentes da produção da vida material. Quando nos referimos à identidade cultural, referimo-nos ao sentimento de pertencimento a uma cultura nacional, ou seja, aquela cultura em que nascemos e que absorvemos ao longo de nossas vidas. Ressaltamos aqui, que essa identidade não é uma identidade natural, geneticamente herdada, ela é construída.

"Identidade" é algo único, distinto e completo. "Cultural" é um adjetivo que se refere a "saber". Logo, a junção das duas palavras produz o sentido de "saber se reconhecer". Muitas questões contemporâneas sobre cultura se relacionam com questões sobre

Emília Carlos J. Ucano, Nhauza B. Brás de Sá Jorge, Cruzamento Multicultural na obra "O Sétimo identidade. A discussão sobre a identidade cultural acaba influenciada por questões sobre: lugar, gênero, raça, história, nacionalidade, idioma, orientação sexual, crença religiosa e etnia.

Na percepção individual ou coletiva da identidade, a cultura exerce um papel principal para delimitar as diversas personalidades, os padrões de conduta e ainda as características próprias de cada grupo humano. A influência do meio constantemente modifica um ser já que nosso mundo é repleto de inovações e características temporárias, os chamados “modismos”. No passado, as identidades eram mais conservadas devido à falta de contato entre culturas diferentes; porém, com a globalização, isso mudou, fazendo com que as pessoas interagissem mais entre si e com o mundo ao seu redor. Uma pessoa que nasce em um lugar absorve todas as características daquele lugar. Entretanto, se ela for submetida a uma cultura diferente por muito tempo, ela adquirirá características do novo local onde está agregada.

Para o teórico Santos (2016), o conhecimento e o saber se renovam do choque de culturas, sendo a produção de novos conhecimentos e técnicas, produto direto da interposição de culturas diferenciadas – com o somatório daquilo que anteriormente existia. Para ele, a globalização que se verificava já em fins do Século XX tenderia a uniformizar os grupos culturais, e logicamente uma das consequências seria o fim da produção cultural, enquanto gerador de novas técnicas e sua geração original. Isto refletiria, ainda, na perda de identidade, primeiro das coletividades, podendo ir até ao plano individual.

Celebração apache contemporânea. Os apaches são um exemplo de povo ameríndio que procura preservar sua identidade cultural. Segundo Hall (1999), uma identidade cultural enfatiza aspectos relacionados a nossa pertença a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas, regionais e/ou nacionais. Ao analisar a questão, este autor focaliza particularmente as identidades culturais referenciadas às culturas nacionais. Para ele, a nação é além de uma entidade política – o Estado –, ela é um “sistema de representação cultural” (grifos do autor). Noutros termos, a nação é composta de representações e símbolos que fundamentam a constituição de uma dada identidade nacional. Segundo Hall (1999), as culturas nacionais produzem sentidos com os quais podemos nos “identificar” (grifo do autor) e constroem, assim, suas identidades. Esses sentidos estão contidos em histórias, memórias e imagens que servem de referências, de nexos para a constituição de uma identidade da nação.

Entretanto, segundo Hall (1999), vivemos atualmente numa “crise de identidade” que é decorrente do amplo processo de mudanças ocorridas nas sociedades modernas. Tais mudanças se caracterizam pelo deslocamento das estruturas e processos centrais dessas sociedades, abalando os antigos quadros de referência que proporcionavam aos indivíduos uma estabilidade no mundo social.

A modernidade propicia a fragmentação da identidade. Conforme ele, as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade não mais fornecem “sólidas localizações” para indivíduos que existe agora é descentramento, deslocamentos e ausência de referentes fixos ou sólidos para as identidades, inclusive as que se baseiam numa ideia de nação.

A palavra “cultura” é comunicamente relacionada a práticas geralmente consideradas de maior “refino” e profundidade intelectual, como a literatura, a arte e a música erudita. Entretanto, devemos entender que não são apenas as atividades que levamos em alta estima que devem ser consideradas como cultura. Surpreendentemente, a cultura está ligada a uma enorme parte de nossa convivência social. Coisas como nossa linguagem, nossa maneira de agir em uma situação, o que comemos, como nos vestimos e até mesmo como nos vemos, estão diretamente ligadas à nossa formação cultural.



6. Hibridismo cultural em Moçambique

Estudos efetuados por Dias (2002), mostram que a “hibridação cultural” surgiu como uma forma muito particular de identidade cultural dos moçambicanos bilíngues, falantes da língua portuguesa e língua bantu ou de monolíngues em Português. Tal processo teve o seu início com a aprendizagem do Português durante a colonização. Julgamos que o falante de língua portuguesa quer seja monolíngue ou bilíngue já não possui uma identidade cultural “genuína” e “autenticamente” africana como os seus ascendentes e antepassados que só falavam a língua bantu.

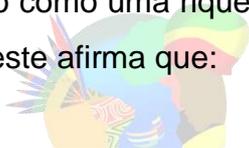
A aprendizagem da língua portuguesa promove o surgimento de um processo de aculturação que integra características culturais do mundo ocidental. Julgo que o bilinguismo em vez de criar um biculturalismo "que promove uma mescla entre os conhecimentos de ambas culturas envolvidas", produz uma hibridação cultural. Quer dizer que os falantes não adicionaram a cultura portuguesa à cultura bantu, eles misturaram as duas culturas e criaram uma nova cultura que não é tipicamente portuguesa e que também não é genuinamente bantu. Ela é “híbrida”, pois junta de forma muito particular as

Emília Carlos J. Ucano, Nhauza B. Brás de Sá Jorge, Cruzamento Multicultural na obra "O Sétimo duas línguas e culturas. É a tal hibridação cultural que caracteriza a cultura urbana moçambicana.

Apesar de o conceito de “hibridação” vir carregado de preconceitos coloniais, não é de forma preconceituosa que usamos tal termo. Segundo Dussel, as origens do conceito situam-se no “projecto colonial de dominação racial do século XIX e se produz uma celebração acrítica das diferenças que deixa de lado desigualdades fundantes”, ainda segundo o autor, “a hibridação tem uma história repleta de colonialismo, mas também de lutas anti e pós-coloniais” (Dussel, 2002, p. 57).

A hibridação é usada neste trabalho no sentido de exprimir o surgimento de novas culturas e novas identidades que são o resultado da mistura de outras culturas. Nosso interesse pelos processos de hibridação surgiu das análises linguísticas que fazemos acerca da variedade de língua portuguesa usada em Moçambique que consideramos um produto híbrido resultante do contacto entre a língua bantu e a língua portuguesa.

Em nossa aceção e, contrariamente, às teorias da degeneração de higienistas que defendem as formas puras e apontam o lado negativo das misturas linguísticas e culturais, consideramos a hibridação como uma riqueza cultural que deve ser preservada. Concordamos com Dussel quando este afirma que:



[...]a hibridação é o signo mais claro da ruptura da modernidade e da irrupção de novas lógicas [...] Bhabba, sinaliza que o híbrido é um resultado da cultura colonial que se nega a si mesma. [...] esse novo híbrido postulado pela teoria pós-colonial não é uma síntese dialética, mas uma ruptura e uma associação ao mesmo tempo, uma simultaneidade impossível do mesmo e do outro [...] (Dussel, 2002, p. 64-65).

Ao se referir à questão da hibridação, Dussel acrescenta que:

[...] se rompe com a lógica aristotélica de que algo “não pode ser e não ser ao mesmo tempo”: o híbrido é ambas as coisas, e é uma terceira também: - o novo” [...] a hibridação vem denotar a coexistência de múltiplas temporalidades na modernidade. Fica clara também a produtividade da margem, do ex-cêntrico, dos “terceiros espaços” que estão dentro/fora da cultura ocidental. (Dussel, 2002, p. 67).

Um dos autores que mais se debruçou sobre a questão da hibridação cultural foi Stuart Hall (2006). Este autor afirma que as identidades culturais estão em declínio, “fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (Hall, 2006, p. 7).

7. Cruzamento Multicultural na obra "O Sétimo Juramento de Paulina Chiziane"

Chiziane lança a obra com o título "O sétimo Juramento" (2000), romance ambientado em um Moçambique já independente, a trama ilustra tanto o tensionamento entre a modernidade, representada pelas práticas cristãs e a ojeriza aos costumes pagãos, que remontam ao misticismo das tradições étnicas; como também o embate entre as forças do bem e as do mal, que, de certa maneira, o texto corporifica no contraste entre as personagens femininas solares e as masculinas sombrias.

O presente trabalho, por sua vez, aponta à linha de estudos que, sob o emblema "pós-colonial", questiona a narrativa ocidental e hegemônica da modernidade, visto que esta conferiu à Europa uma posição de privilégio enunciativo, e, que mesmo após o encerramento do período colonial, conservou o favorecimento das características europeias em detrimento de outras referências de vida, externas àquela territorialidade.

Essa narrativa que evidencia uma condição de pós-colonialidade, perpetua, na estrutura funcional da malha social, arquétipos antro-po-comportamentais que reavivam valores coloniais e mantêm o exercício do poder colonial nas práticas cotidianas. Busca-se, aqui, associar a crítica à concepção preeminente de modernidade à obra literária em questão, pois a base epistemológica que orienta esta pesquisa fomenta o entrelaçamento entre os diversos campos do saber, tal como a literatura e a ciência política, com vistas a esmiuçar o constructo sociocultural de um Moçambique, a partir dos olhos e da escritura de Paulina Chiziane.

A autora apresenta-nos de um modo contundente a pluralidade cultural pois não hesita em proporcionar ao leitor uma iniciação a diversas manifestações culturais que fazem parte da sociedade moçambicana. Um dos traços que melhor caracteriza este cenário híbrido na obra é o confronto entre práticas culturais e religiosas relacionadas tanto com o espaço físico africano, quanto ao espaço da cultura europeia.

Exemplo: A doença espiritual que punha clemente como louco, ouvindo vozes, vendo imagens adquirindo diferentes formas através da água, do fumo, do vapor, das nuvens acompanhados de sinais estranhos como: as chuvas estranhas, remoinhos, os trovões fortes e faíscas. Estava possuído por um espírito "Nguni" que era magia do bem.

A pluralidade cultural na obra de Chiziane, parece tornar-se ainda mais reforçada em função do confronto de práticas culturais e religiosas relacionadas tanto ao espaço africano, quanto ao espaço da cultura europeia. A narrativa apresenta os diversos momentos em que os rituais anímicos-religiosos africanos são correlacionados aos da religião católica. Os valores animistas constituem o foco da narrativa, que trás à tona uma

Emília Carlos J. Ucano, Nhauza B. Brás de Sá Jorge, Cruzamento Multicultural na obra "O Sétimo prática recusada pelo sistema colonial, mas subentendida no comportamento sócio cultural vigente durante o processo revolucionário moçambicano.

No dizer de leite: "O mundo do feitiço e dos mitos esteve sempre ligado ao comportamento sócio-cultural da maior parte dos intervenientes activos na nova política social de Moçambique, embora de forma mais ou menos latente". Nesta ordem de ideias, a obra o "Sétimo Juramento" apresenta a história de uma família e coloca-nos perante um dilema de confronto com o mundo mágico-espiritual que questiona a assimilação dos costumes, a cristalização resultante do tempo colonial. O livro também faz a encenação do feminino e revela os meandros que determinam a vida da mulher numa sociedade urbana em que conhecem outras estratégias para contornar o peso da sua condição subalterna.

Na narrativa a nação Moçambicana é caracterizada pela demarcação de um inimigo, o colonialismo português em todas as formas que surge: seja como funcionário branco, cipaio mestiço, régulo negro ou soldado africano no serviço do estado colonial. Esta demarcação é um facto que consta também das diversas classificações dos períodos literários diferentes antes da independência.

No processo da nossa análise de dados, constatamos que autora para além da sua escrita cruzada de discursos que provocam diálogos significativos entre a literatura e outras áreas do saber, ocupando lugar de destaque os estudos culturais, que buscam, por meio de repertório teórico das ciências humanas, estabelecer uma prática dialógica com a matéria literária, intentando leituras que lancem luz sobre os processos sociais vivenciados pelas modernas nações em construção, Chiziane, coloca-nos também diante de um mundo religioso, mágico-espiritual e das práticas sociais de poligamia, resgatando e recriando as tradições religiosas e culturais de Moçambique.

Exemplo: (...) farei dela segunda esposa, serei um polígamo a partir de agora. (...) casar-me ia com ela, mas a lei cristão não permite, sou casado. Como bantu que se preza, hei-de lobolá-la. (p.122).

Nota-se também a encenação de superação quotidiana do feminino, que antes a mulher era vista como um simples objeto de satisfação sexual e depois conhecem outras estratégias para contornar o peso da sua condição subalterna.

Desta vez, as mulheres com funções diegéticas são urbanas, da classe que move na circunda do poder social: "Vera a esposa- esposa de um Director Geral; Cláudia-a secretária amante, seu braço direito e depois passando pra terceira esposa de David; a tia Lúcia-dona de um bordel com influências inimagináveis (p. 122-124); Mimí-a órfã

Emília Carlos J. Ucano, Nhauza B. Brás de Sá Jorge, Cruzamento Multicultural na obra "O Sétimo recolhida no bordel que se torna segunda esposa de David e finalmente, a mãe de David - a protagonista de um momento mais decisivo da narrativa - o da revelação sobre a "maldita herança" paterna de David, momento a partir do qual a narrativa ganha uma dimensão trágica. (capítulo XXXIII).

Interessante é o facto de essas personagens femininas serem personagens solares, que buscam a vida e ao mesmo tempo especializadas em "varrer feitiço". Exemplo: (...como Moya ou a velha da pedra de Wussapa), que operam no campo da "magia branca" pela preservação dos valores familiares contra as sombras e contra os xigonos (fantasmas), mesmo a sogra de Vera rejeita a sua condição de "feiticeira por casamento". (p. 196), enquanto suzy, arrastada pelo pai para os rituais de feitiçaria é desencantada no final.

O romance na (pag. 118), reporta o comportamento de um moçambicano de cultura urbana comprometido com o poder socioeconómico e com pretensões a poder político que, por imperativos de ambição pessoal e adepto a filosofia do "cabritismo" (p. 118), comete actos ilícitos na empresa, motivo pela qual inicia uma viagem em busca da "proteção das sombras" para os seus bens tais como: o lugar de Director Geral, o bem estar económico, o prestígio social e os prazeres do corpo (que passavam pelo estatuto de marido de três esposas).



8. Metodologia e resultados

De acordo com Gil (1999), o método científico é um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos utilizados para atingir um determinado conhecimento. Para que seja considerado conhecimento científico, é necessária a identificação dos passos para a sua verificação, ou seja, determinar o método que possibilitou chegar ao conhecimento. Segundo o autor, já houve época em que muitos entendiam que o método poderia ser generalizado para todos os trabalhos científicos. Os cientistas actuais, no entanto, consideram que existe uma diversidade de métodos, que são determinados pelo tipo de objecto a pesquisar e pelas proposições a descobrir.

Para atender as exigências e o rigor do presente trabalho, foi necessário definir previamente uma metodologia a seguir, de modo a melhor direccionar todo o trabalho de investigação em torno do tema em estudo.

O estudo é resultado de uma pesquisa bibliográfica, elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material

Emília Carlos J. Ucano, Nhauza B. Brás de Sá Jorge, Cruzamento Multicultural na obra "O Sétimo cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar (Prodanov & Freitas, 2013).

A pesquisa revelou que Moçambique é um País diversificado culturalmente, com línguas de origem bantu com exceção do português que é a língua oficial do país. No total Moçambique tem 43 línguas, das quais 41 são consideradas línguas nacionais, e as outras duas são o português e a língua de sinais. É importante ter em mente que os padrões culturais em Moçambique, não são assim tão lineares, devido a vários fatores históricos como a união de diferentes culturas (costumes, hábitos e tradições totalmente diferentes, por causa da interferência climática, geográfica e pelo passado histórico daquela população) e atualmente por conta da globalização.

Podemos citar o advento da globalização teve a expansão marítima como primeiro e principal percussor. Quando comparamos com os dias de hoje, a forma que a descoberta de novos continentes foi realizada, deu vida a uma série de outras nações, mesmo que com seus contrapontos devido a exploração e escravidão. É nesta ordem de ideias que a obra "*o Sétimo Juramento 2000*" de Paulina Chiziane se constrói em torno do mozaico cultural Moçambicano, uma arena ideológica que refrata tensões entre gênero e religião, de modo que, ao mesmo tempo em que, sob determinada focalização, são confirmados os discursos que sugerem a inferioridade feminina, por outro, mais especificamente quando a focalização se encontra sob as personagens femininas, esses discursos são subvertidos.

Para fundamentar melhor a ideia do multiculturalismo em Moçambique a autora, retrata o cotidiano urbano de uma família, que alcançou prosperidade econômica na sociedade moçambicana no pós-independência, ao misticismo das tradições originárias do país povoadas por lendas, mitos, seres extraordinários, feitiçaria e pelo constante tensionamento entre o bem e o mal. Valendo-se do enredo ficcional, este estudo articula o entrecruzamento da literatura e da ciência política, explorando as concepções de modernidade e colonialidade.

Considerações finais

A pluralidade cultural, percebida na narrativa de Chiziane é reforçada em função do confronto das evidências entre as práticas culturais e religiosas relacionadas tanto ao

Emília Carlos J. Ucano, Nhauza B. Brás de Sá Jorge, Cruzamento Multicultural na obra "O Sétimo espaço africano, quanto ao espaço da cultura europeia. Nesta obra os valores animistas constituem o foco da narrativa, que trás à tona uma prática recusada pelo sistema colonial, sob entendida no comportamento sócio cultural vigente durante o processo revolucionário moçambicano. O Sétimo Juramento, é uma obra em que a destruição das sociedades autóctones e as consequências ainda estão nas margens da narrativa.

Entendemos a imagem do colonialismo como uma forte crítica social num contexto que sobreviveu na sua relação com a sociedade moçambicana. Que, apesar da sua relação de domínio, descobrimos mais duas explicações plausíveis para as novas reconfigurações: a primeira tem à ver com processo sócio cultural da construção de uma identidade moçambicana pós-colonial e pós-guerra civil sob os resíduos de cultura autóctone em que o filho representa fusão conseguida e o pai fusão falhada dos elementos das culturas diferentes que se cruzam neste território.

Nesta ordem de ideias o pai representa o colono português numa relação de domínio que significa uma estagnação no processo da construção da identidade que se realiza na oposição clássica explorador/explorado, enquanto que o filho personifica um caminho possível para o futuro do país, uma conciliação dos diferentes traços culturais presentes em Moçambique.

A fabricação do confronto de símbolos, representações e imagens do colono, dão-nos assim uma imagem de Moçambique como um País em que a interação entre a tradição e a modernidade caminha para um processo de longa duração que implica também o regime identitário do próprio colonizador. Uma consequência que aparenta estarmos em presença de uma tensão que existia ao nível da cultura colonial e que se desenvolveu ao longo do tempo num dinamismo próprio.

A hibridação referida neste trabalho justifica-se no sentido de exprimir o surgimento de novas culturas e novas identidades que são o resultado da mistura de outras culturas. Nosso interesse pelos processos de hibridação surgiu das análises linguísticas que fazemos acerca da variedade de língua portuguesa usada em Moçambique que consideramos um produto híbrido resultante do contato entre a língua bantu e a língua portuguesa. O livro também faz a encenação do feminino e revela os meandros que determinam a vida da mulher numa sociedade urbana em que conhecem outras estratégias para contornar o peso da sua condição subalterna.

Em jeito de conclusão, entendemos que Chiziane em sua "o Sétimo juramento", apresenta-nos uma forte crítica social num contexto de globalização em que o colonialismo sobreviveu como relação social. Que apesar de relação de domínio,

Emília Carlos J. Ucano, Nhauza B. Brás de Sá Jorge, Cruzamento Multicultural na obra "O Sétimo descobrimos, porém, mais duas explicações plausíveis para as novas reconfigurações do colono: a primeira tem haver com o processo sócio cultural da construção de uma identidade moçambicana pós-colonial e pós-guerra civil sob os resíduos da cultura autóctone em que o filho representa a alusão conseguida e o pai a fusão falhada dos elementos das culturas diferentes que se cruzam neste território.

Referências

- Bastide, R. (1971). *Anthropologie Appliquée*. Payot, Paris.
- Bauman, Z. (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2013). *A cultura no mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, J., Tradução de Medeiros C. A. Edição Digital.
- Bhabha, H. K. (2007). *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Burker, P. (2003). *Hibridismo cultural*. São Leopoldo/RS: Editora Unisinos.
- Clifford, J. (2010). Sobre la Autoridad Etnográfica. In: Clifford, J. (1995). *Dilemas de la Cultura*. Barcelona: Gedisa.
- Cuche, D. (1999). *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC.
- Dias, H. N. (2010). Diversidade cultural e educação em Moçambique. *Revista VIRUS*, São Carlos, n.4, dez. 2010. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus04/?sec=4&item=4&lang=pt>>. Acesso em: 10 de agosto de 2013.
- Dussel, E. (2005). *Transmodernidad e Interculturalidad (interpretaciones desde la Filosofía de la Liberación)*. *Asociacion de filosofia y liberacion - AFYL*. [consultado a 15 junho 2016]. Disponível em: <http://www.afyl.org/transmodernidadeinterculturalidad.pdf>.
- Hall, S. (2009). *A identidade cultural na pós-modernidade*. 3ª ed, Rio de Janeiro, DP&A Editora, 1999.
- MARTINEZ, Francisco Lerma & IMC. *Antropologia Cultural: Guia para o Estudo*. 6.ed., Maputo, Paulinas Editorial.
- Mayr, E. (2001). *What evolution is*. New York: Basic Books.
- MAZULA, Brazão et al. (1995). (ed.). *Eleições, democracia e desenvolvimento*. Maputo: Inter-África Group.
- Mazula, B. (1995). *Educação, Cultura e Ideologia em Moçambique: 1975-1985*. Porto: Afrontamento e Fundo Bibliográfico da Língua Portuguesa.

Emília Carlos J. Ucano, Nhauza B. Brás de Sá Jorge, Cruzamento Multicultural na obra "O Sétimo Juramento de Paulina Chiziane". Prodanov, C. C.; Freitas, E. C. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

TAKAHASHI, T. (2010). *Diversidade cultural e direito à comunicação*. Disponível em: <<http://www.campus-oei.org>>. Acesso em: jul. 2006.

Relatório Mundial da UNESCO. (2009). Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000184755_por

Tylor, E.B. (1975 or. 1871): "*La ciencia de la cultura*", em Kahn, J.S. (comp.): *El concepto de cultura: textos fundamentales*. Barcelona: Anagrama, pp. 29-46.

Recebido em: 12/05/2024

Aceito em: 29/08/2024

Para citar este texto (ABNT): UCANO, Emília Carlos José; JORGE, Nhauza Boazinha Brás de Sá. Cruzamento Multicultural na obra "O Sétimo Juramento de Paulina Chiziane". *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.4, nº Especial II, p.150-168, out. 2024.

Para citar este texto (APA): Ucano, Emília Carlos José; Nhauza Boazinha Brás de Sá Jorge (out. 2024). Cruzamento Multicultural na obra "O Sétimo Juramento de Paulina Chiziane". *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial II): 150-168.

Njinga & Sepé: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape>